

Artigos Originais
O CURRÍCULO, O DOCENTE E A DIMENSÃO ATITUDINAL: UMA
CONSTRUÇÃO DE VALORES

Original Articles
THE CURRICULUM, THE TEACHER AND THE ATTITUDINAL DIMENSION:
A CONSTRUCTION OF VALUES

Tássia Colombo Bersagui*
 tassia.bersagui@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0238839675130276>

Hildegard Susana Jung**
 hildegard.jung@unilasalle.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/6822877165900478>

Louise de Quadros da Silva***
 louise.quadrosdasilva@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0489777195730458>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 -

está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



RESUMO: O tema do presente artigo orbita em torno do currículo e da ação do professor na construção de valores na Educação Básica. Para tanto, o objetivo consiste em discutir sobre a importância dos conteúdos atitudinais no currículo e a afetividade para o desenvolvimento dos educandos e o processo de ensino-aprendizagem. A metodologia, de cunho qualitativo, buscou suas fontes em uma revisão de literatura acerca da temática. Os resultados encontrados apontam para: a) o trabalho pedagógico deve contemplar todas as dimensões do currículo; b) é importante vivenciar os valores atitudinais e a afetividade em sala de aula; c) o professor tem papel primordial nesse processo da construção de valores. Conclui-se que a temática é necessária para a atualidade, uma vez que busca a formação integral dos alunos e contribui para a experiência na diversidade da sociedade. Diante do exposto, compreendemos que o currículo precisa englobar a dimensão atitudinal, pois dará valorização a amplitude de conhecimentos escolares no intuito da formação plena do estudante. Vemos

* Acadêmica de Pedagogia pela Universidade La Salle Canoas.

** Doutora em Educação. Docente e coordenadora do Curso de Pedagogia, e professora permanente do PPG Educação da Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos.

*** Mestranda em Educação na Universidade La Salle Canoas. Bolsista CAPES/PROSUP. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos.

também a importância das atitudes positivas, pois fazem parte da formação e aprendizagem dos estudantes e assim a figura do professor se aponta como essencial na motivação para as aprendizagens e para desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: currículo escolar. valores. conteúdos atitudinais.

ABSTRACT: The theme of this article revolves around the curriculum and teacher action in the construction of values in Basic Education. Therefore, the objective is to discuss the importance of attitudinal content in the curriculum and the affectivity for the students' development and the teaching-learning process. The methodology, of a qualitative nature, sought its sources in a literature review about the theme. The results found point to: a) the pedagogical work must contemplate all the dimensions of the curriculum; b) it is important to experience attitudinal values and affectivity in the classroom; c) the teacher has a primordial role in this process of building values. It is concluded that the theme is necessary for the present, since it seeks the integral formation of the students and contributes to the experience in the diversity of the society. In view of the above, including that the curriculum needs to encompass an attitudinal dimension, since the direction is valued by the amplitude of school activities not intuition of the full formation of the student. The importance of positive attitudes is also seen, since they are part of the formation and learning of students and, thus, the figure of the teacher becomes essential in the motivation for learning and for the development of the students.

Keywords: school curriculum. values. attitudinal content.

INTRODUÇÃO

Ao escolhermos nossa profissão docente muitas vezes não percebemos a complexidade do ato de educar. Durante o percurso de formação acadêmica e continuada, com os estudos, experiências e pesquisas na área, compreendemos que para essa ação é necessário munir-se de múltiplos conhecimentos, habilidades e competências.

As produções científicas baseadas em experiências docentes ou até mesmo de revisões bibliográficas contribuem significativamente para atender alguns desafios dessa atividade. Um fato positivo, destacado por Marli André (2001, p. 53), é o aumento em quantidade dessas pesquisas: “[...] se observa um crescimento muito grande no número de pesquisas da área da educação no Brasil, oriundo principalmente da expansão da pós-graduação.” A autora

ênfatiza a ampliaçãõ na variedade, pois “[...] observam-se também muitas mudançãas, seja nas temãticas e problemas, seja nos referenciais teóricõs, seja nas abordagens metodológicãas e nos contextõs de produçãõ dos trabalhos científicõs.” (ANDRÉ, 2001, p. 53).

Ainda assim, o campo educacional é muito vasto e rico em assuntos, e possui distintas realidades no cotidiano da escola, seja por fatores socioeconômicos e culturais, além da individualidade e disparidade das figuras que a compõem. Portanto, refletir a atividade humana no processo educativo é importantíssimõ para dar sentido à finalidade da escola, como ressalta Vasconcellos (2011, p. 19): “[...] a finalidade maior do trabalho da escola é contribuir para a humanizaçãõ plena de todos (e não só dos alunos).”

A partir disso, percebemos que o currículõ escolar é um dos principais caminhos nas mudançãas da percepçãõ educativa. Vasconcellos (2011, p. 85) questiona o papel da escola, uma vez que não nascemos prontos e estamos em constante aprendizagem, também fora do ambiente escolar, o autor evidencia que “[...] a escola propõe-se a estabelecer uma forma específica de relaçãõ, onde tanto a realidade quanto o conhecimento sãõ sistematicamente tematizados.”

Encontramos, deste modo, o entendimento do currículõ que abraça todas as dimensões de conhecimento e não meramente uma lista de conteúdos programãticos. Vasconcellos (2011, p. 28, grifo do autor), disserta a respeito da visãõ completa do currículõ, que considera um “[...] conjunto de **formulações** (representações, saberes, programas, disciplinas, estruturas) e de **experiências** (atividades prãticas, vivências)” para todos os atores que compõem a escola.

Compreendemos, segundo Zabala (1998), que o conhecimento escolar se estabelece em três principais dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal. Essa última também se faz necessãria em sala de aula. É notório que há socializaçãõ no âmbito escolar, portanto, nessa interaçãõ é possível construir conhecimentos.

Partindo desse pressuposto, o professor tem o papel de facilitador e motivador nesse processo de construçãõ de valores e atitudes, colaborando

para dar significados positivos com conteúdos implícitos, através de sua vivência e afetividade. Para tanto, essa pesquisa tem por objetivo discutir sobre a importância dos conteúdos atitudinais no currículo e a afetividade para o desenvolvimento dos educandos e o processo de ensino-aprendizagem, através da ação do professor.

METODOLOGIA

Nosso projeto de pesquisa explora uma temática com abordagem subjetiva, portanto será de natureza qualitativa. Buscamos refletir em torno da problemática para a construção de conhecimentos pertinentes aos desafios da ação educativa, como descrevem Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 78), acerca da importância da reflexão:

As reflexões não são um mero exercício acadêmico, mas uma tarefa necessária à caminhada para a produção de novos conhecimentos, de novos processos, que visam o desenvolvimento de uma autonomia teórico-metodológica e de um olhar crítico [...].

Ainda nesse tocante, a pesquisa qualitativa tem a compreensão de dados que não podem ser numericamente mensurados. Consiste na análise mais profunda do nosso objeto de pesquisa, sendo mais condizente com o que pretendemos refletir. Desse modo:

Tal tipo de pesquisa considera ainda, a pertinência de uma problemática aberta e passível de mudanças, mesmo que isso altere estruturas de pensamento ou objetivos previamente estabelecidos por nós, pesquisadores. Difere também da pesquisa quantitativa, que privilegia compreensões de acontecimentos a partir de indicadores, problematizando dados e tendências evidenciados pelos resultados obtidos. Na qualitativa temos, de modo geral, a tentativa de compreensão profunda dos significados e das características situacionais evidenciadas. Neste contexto, entendemos também a subjetividade da pesquisa, fundamental para a análise do que é proposto. (NUNES, 2018, p. 82-83).

Para tanto, quanto ao procedimento técnico, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que permitiu-nos abranger mais pensamentos sobre a temática. Gil (2002, p. 45) explica que há uma vantagem na utilização desse método: “A

principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

Ainda segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica desenvolve-se por etapas, que não devemos entender como um roteiro rigoroso a ser seguido, mas como uma base para auxiliar nesse processo. O autor destaca alguns passos para a construção da pesquisa, que permeiam desde a escolha do tema, formulação do problema, leituras e escrita. Utilizamos dessa contribuição para a organização deste artigo, promovendo um caminho mais coerente e fácil de perpassar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Crestani (2017, p. 44) “[...] a dinâmica do mundo globalizado envolve concomitantemente múltiplos aspectos da vida e da sociedade. [...] consegue-se perceber que é cada vez menos frequente deter-se e focalizar apenas um aspecto isolado.” Com isso, também evidencia que “[...] o processo educativo, com algumas variações circunstanciais, segue aproximadamente a mesma dinâmica.” (CRESTANI, 2017, p. 44). Ou seja, percebemos que a escola deve acompanhar a evolução crescente no mundo, tornando-a multifacetada. Portanto, devemos perceber o currículo como norte dessa pluralidade, e ao mesmo tempo, para estabelecer uma equidade entre distintas realidades.

Para exaltarmos a importância do currículo no cotidiano escolar, no que tange a sua riqueza e finalidade para o trabalho docente, faz-se necessário conceituá-lo e compreendê-lo segundo as definições trazidas por autores dessa temática. Visto que, muitas vezes, por senso comum atribuímos complexidade para seu exercício, ou ainda, o expressamos de forma genérica, como destaca Burnham (2008, p. 5, grifo do autor):

É muito comum ouvir, de professores e outros educadores, que currículo é uma "coisa" muito complicada, que trabalhar com currículo [...] envolve um grande desafio, que é difícil ensinar a muitos alunos, porque eles são muito diferentes. Enfim, é comum representar o

currículo como uma área de trabalho que traz uma multiplicidade de dimensões e que por isso mesmo, requer uma compreensão muito ampla, um grande lastro de conhecimento para se poder dar conta dessas diferentes dimensões.

Primeiramente, relatamos a origem do termo currículo. Vasconcellos (2011, p. 26) escreve, ressaltando esse conhecimento, “[...] como sabemos, currículo vem do latim Curriculum, carreira, curso, percurso, lugar onde se corre, campo (do verbo currere, ato de correr, percurso feito na pista).” Também nos informa de seu aproveitamento no âmbito educacional, pois “[...] a partir dos séculos XVI/XVII, curriculum passa a ser aplicado às instituições de ensino [...]” (VASCONCELLOS, 2011, p. 26), substituindo outras denominações. Percebemos, portanto, que sua origem é antiga e desde então sofre alterações em seu próprio entendimento e aplicabilidade.

Ao pesquisarmos sobre currículo escolar, desde então, encontramos variadas definições e atribuições de conhecimentos ao longo dos anos, como destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Currículo é um termo muitas vezes utilizado para se referir a programas de conteúdos de cada disciplina. Mas, currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e reelaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que traduz os princípios elencados em prática didática. (BRASIL, 1998, p. 49).

Torna-se evidente, mediante contribuição de Vasconcellos (2011) que o currículo escolar é mutável conforme o tempo e o contexto, segundo os sujeitos, conhecimentos e realidade. A concepção e a ênfase do currículo modificaram-se ao longo das eras, provindos dos interesses da educação de cada época. Para tanto, Vasconcellos (2011, p. 32) conclui que “[...] pode-se depreender o quanto o currículo é um artefato cultural e social, estando sujeito ao jogo de forças de interesses de cada momento histórico.”

O currículo escolar é polissêmico e multidimensional. Fino (2017, p. 3) relata de sua vivência que “[...] o currículo total é algo imenso, muito maior do que eu poderia imaginar, e que inclui dimensões como o currículo expresso e o currículo ‘oculto’, o currículo planejado e o currículo recebido, o currículo formal

e o currículo informal.” Atualmente, já estamos caminhando para esse entendimento do currículo que abraça todas as dimensões e concentra seu foco a partir dos interesses dos estudantes, como enfatiza Vasconcellos (2011, p. 37): “[...] isto precisa ficar muito patente: o mais importante são as pessoas. O foco está no sujeito, no ser humano.” Esse caminho que vem sendo trilhado, mediante contribuições científicas e vivências docentes, até pouco tempo atrás não era compreendido como importante para a educação, como cita o autor:

Ao longo do tempo, no entanto, nem sempre o enfoque, tanto teórico, quanto prático, dado a estes elementos foi equilibrado. Até não muito tempo atrás, quando se falava em currículo escolar, a ênfase quase sempre pendia para o objeto de conhecimento (saberes, conteúdos, mesmo assim de forma reducionista, a-histórica), pouco se falando sobre as relações com o contexto (desde a sala de aula, escola, comunidade, até a sociedade como um todo), bem como sobre os sujeitos do currículo, em especial os educandos e os educadores. (VASCONCELLOS, 2011, p. 32).

Nesse sentido, o equilíbrio mencionado por Vasconcellos torna-se essencial para promover todos os âmbitos de conhecimentos considerados importantes para uma educação de qualidade e para a formação integral dos estudantes, visto que é na escola que eles passam boa parte do seu tempo, além de ser um dos lugares de maior interação. Conforme destaca Zabala (1998, p. 30),

Devemos nos desprender desta leitura restrita do termo “conteúdo” e entendê-lo como tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como também as demais capacidades. Deste modo, os conteúdos de aprendizagem não se reduzem unicamente às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais. Portanto, também serão conteúdos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social.

Para tanto, ao optarmos por um currículo que aborde todas as dimensões de maneira correta, proporcionamos aos estudantes uma formação mais completa, que contemple seus saberes, construção do pensar e agir. Zabala (1998, p. 31) explica a presença de três dimensões do currículo que correspondem aos conteúdos importantes a serem trabalhados em sala de aula:

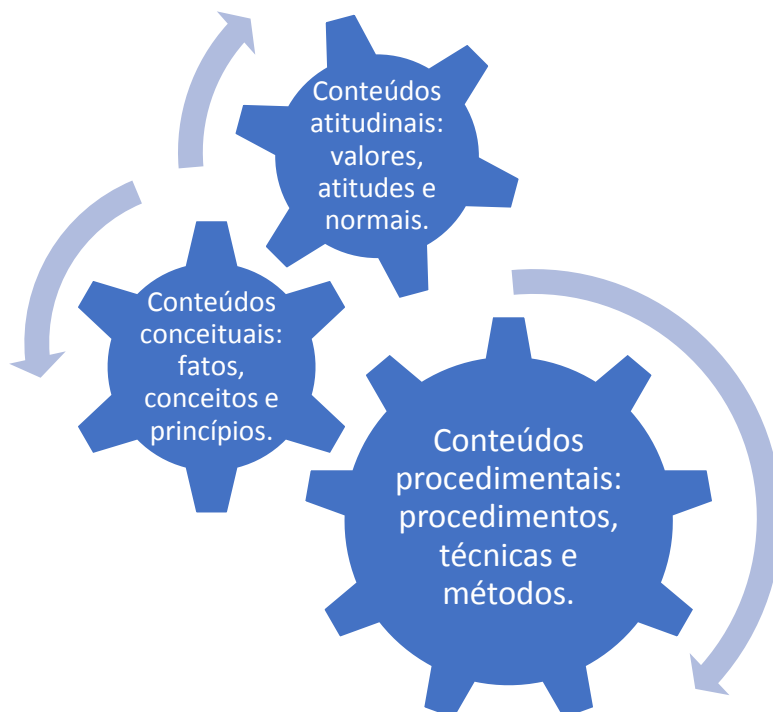
[...] agrupa os conteúdos segundo sejam conceituais, procedimentais ou atitudinais. Essa classificação corresponde respectivamente às perguntas “o que se deve saber?”, “o que se deve saber fazer?” e “como se deve ser?”. Portanto é preciso saber, saber fazer e ser nesse modelo.

Compreendemos, portanto, a importância das três dimensões do currículo. Mas também devemos deixar claro que podemos distribuí-las de maneira diferente de acordo com a faixa etária, agregando eficientemente o que pressupõe cada ano escolar, conforme afirma Zabala (1998, p. 31)

Certamente, a distribuição da importância relativa dos distintos conteúdos não é a mesma em cada um dos diferentes períodos. O mais provável é que nos cursos iniciais exista uma distribuição mais equilibrada dos diversos conteúdos, ou que se dê prioridade aos procedimentais e atitudinais acima dos conceituais.

Para ilustrar, desenvolvemos a Figura 1, na sequência. Aborda o currículo como uma engrenagem, que depende de todas as partes para o seu funcionamento.

Figura 1: Categorias de conteúdos



Fonte: Elaborado por Tássia Colombo Bersagui, Hildegard Susana Jung e Louise de Quadros da Silva, a partir de Zabala (1998).

Nesse momento, enfatizamos a necessidade dos conteúdos atitudinais em sala de aula. Pois, conforme Crestani (2017) através das atitudes, reflexões e valores – dos estudantes e principalmente dos professores – torna-se possível construir-nos enquanto sujeitos da sociedade, aspirando um futuro melhor, assim como para contemplar uma educação de qualidade. Essa ação se dá de modo subjetivo, como afirma Souza (2005, p. 21):

A educação é um projeto de valores; valores são subjetivos e relativos às representações que os sujeitos têm de si. No ato de educar, negociam-se constantemente significados e sentidos de conhecimentos, experiências e valores – próprios e do outro – mesmo sem ter consciência do que se está negociando. Essa negociação se dá em um espaço de intersubjetivo.

Após esse entendimento, percebemos que o professor tem papel fundamental para que essa prática se concretize em sala de aula. Visto que o docente é inteiramente observado, admirado e visto como exemplo por seus estudantes. Como descreve Crestani (2015, p. 21), “[...] qualquer gesto, atitude, palavra e mesmo expressões não verbais são matéria-prima para que a criança e adolescente trabalhem e metabolizem tudo quanto recebem a fim de estruturar sua identidade.”

Portanto, é melhor que o professor fique ciente da dimensão humana da docência ao escolher sua profissão. Crestani (2017, p. 38) discorre sobre essa tomada de consciência, explicando que “[...] o educador é apenas uma pessoa consciente de sua escolha e de sua responsabilidade pessoal e social. Sabe que precisa fazer algo para seus concidadãos e para a sociedade que o acolhe.” Ainda segundo o autor, “[...] o educador não passa só o conteúdo de sua disciplina. Seu modo de ser, de se expressar, de relacionar-se também é ‘conteúdo educativo’ que contagia os alunos.” (CRESTANI, 2017, p. 47).

Outro fator importante a destacar é que o professor não deve alimentar ambivalências em suas ações, posicionamentos, comportamentos e palavras, uma vez que, como dissemos anteriormente, está em constante relação com os estudantes e contribuindo para a construção de identidade, em noções de regras, convivência e escolhas desses educandos. Como cita Freire (2015, p. 35), sobre o comprometimento do educador,

[...] o professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do 'faça o que eu mando e não o que eu faço'. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem.

Por fim, a afetividade na relação professor-aluno contribui positivamente para o ensino-aprendizagem, pois como nos diz Crestani (2017, p. 153) "O educador é o maestro que tenta reger as relações de forma mais construtiva possível." Sendo assim, o professor deve ser um motivador que desperte alegre do aprendizado, de forma a ser atencioso, ouvinte e cuidadoso com os estudantes, pois com essa experiência afetiva da relação é possível transpor barreiras e dificuldades que possam acontecer em sala de aula. Cunha (2008, p. 51) afirma que

O afeto, sendo em qualquer que seja a circunstância, é o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares, que muitas vezes estão fechados as possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispensam, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos, na escola hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

Destacamos também que a afetividade não se dá por falta da ciência, elas se interligam, pois compreendemos a "[...] aprendizagem como forma de enriquecer e potencializar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e formativos do currículo." (MELO; LIMA; COSTA, 2014, p. 182). O afeto se torna essencial para o desenvolvimento dos estudantes e para a construção de conhecimentos, como explica Piaget (1976, p. 16),

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo o intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Após esse arcabouço teórico, entendemos que para o exercício docente é necessário inteirar-se das ideias expostas acima, visto que, há socialização e humanização nessa profissão. Partindo desses pressupostos, no tópico a

seguir discutimos mais a respeito da abrangência do currículo, da importância das atitudes e valores expressos em sala de aula e do papel do professor para uma educação de qualidade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Mediante as reflexões apresentadas no referencial teórico, compreendemos que o trabalho pedagógico deve contemplar todas as dimensões do currículo. Além disso, os valores, atitudes e a afetividade têm grande importância no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o papel do professor neste processo torna-se primordial. Na sequência discorreremos sobre cada um dos achados da pesquisa.

O trabalho pedagógico deve contemplar todas as dimensões do currículo

Evidentemente o ato de educar é complexo. Mediante tantas atribuições que a escola se encarrega e que os professores têm a exercer, Vasconcellos (2011, p. 160, grifo do autor) reflete que “[...] uma das grandes questões da escola é sem dúvida **o que** deve ser ensinado, o que é importante, relevante, o que vale a pena fazer parte do currículo [...]”. Nesse sentido, acreditamos que não se pode pensar somente nos conteúdos obrigatórios, esquecendo-se dos fatos que ocorrem no cotidiano e fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, também devemos trabalhar conteúdos de cunho social, de valores e atitudes que se estendem de forma global ou pessoal, que denominamos de Temas Transversais, expostos nos PCN’s:

Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e

aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1998, p. 26).

A vivência em sala de aula é muita rica. Os estudantes mostram-nos com suas palavras, atitudes e relações muitos assuntos que podem ser trabalhados para construir valores e sanar dúvidas pertinentes ao campo comportamental. Esse trabalho é positivo, pois parte do interesse deles, garantindo-nos mais atenção. Além de ajudarmos a desenvolver valores éticos e morais dos educandos, construindo sua personalidade e reflexões atitudinais, que são igualmente importantes como aprendizagem.

Todavia, não é necessário que pensemos em “caixinhas”, essas atividades com temas transversais podem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, implícita, englobando outros conteúdos, ou ainda com projetos, ou tema gerador, sequência didática. Na verdade, a forma – metodologia – está interligada aos conteúdos, contribuindo para aprendizagem significativa.

Eleger um currículo que englobe de maneira condizente as dimensões supracitadas no tópico anterior acarreta em uma formação mais completa dos estudantes, como explica Zabala (1998, p. 32), “[...] num ensino que propõe a formação integral a presença dos diferentes tipos de conteúdos estará equilibrada; por outro lado, um ensino que defende a função propedêutica universitária priorizará os conceituais.”

Quando priorizamos essa formação integral dos sujeitos estamos buscando educá-los para criticidade e autonomia, não somente uma memorização de conhecimentos, mas uma apropriação no sentido de pensar, agir e ser o que se aprende. As três dimensões do currículo são importantes justamente para organizarmos, objetivarmos e avaliarmos os conteúdos de aprendizagem.

A importância dos valores atitudinais e da afetividade

Apontamos, como anteriormente, para a importância das atitudes em sala de aula, também pela figura do professor. Não somente a construção de valores por meio de explicações, mas também com o testemunho, vivências e

ações. Quando discutimos sobre isso, queremos afirmar que os estudantes se espelham no comportamento e atitudes dos educadores, e então, na subjetividade de nossas ações, estamos construindo valores.

Crianças e jovens também aprendem por outros meios, com a Internet ao alcance de muitos, é possível apropriar-se de variados conhecimentos. Porém, na Escola que acontece a socialização, trocas de experiências, relacionamentos, busca por aceitação dos outros e de si mesmos, etc. Nessas vivências os estudantes constroem valores, dão juízo do certo e errado e praticam, por seus atos, o que está internalizado. Com isso, também evidenciamos a importância desses valores como aprendizagem, por conseguinte, é necessário que os educandos estejam cercados de atitudes positivas. Crestani (2015, p. 90) disserta ao encontro desse pensamento,

A criança, no princípio, absorve pequenos hábitos positivos não como valores em si, mas como conveniências recomendadas pelos pais e educadores, sob a forma de limites: pode ou não pode! Com o tempo, vai percebendo que, por detrás de cada limite ou recomendação dos pais e adultos, existe um valor que inicialmente as crianças o absorvem apenas como sendo bonito ou feio. Mas ainda não sabem por que isso é bonito e aquilo é feio. Com o despertar para a vida, para a sociedade e para o mundo, captam e percebem as diferenças no proceder humano e sua maior ou menor conveniência. É o valor de cada gesto, de cada atitude e de cada escolha que vai penetrando no grande capítulo do agir humano da pessoa.

Como contribuição no processo do ensino-aprendizagem, a afetividade tem grande relevância. Pois como nos diz Vasconcellos (2011, p. 160) “[...] o aluno não é uma ‘máquina de conhecer’, mas um ser humano, onde a aprendizagem envolve desejos, necessidades, afetos, liberdade, participação ativa.” Portanto, acreditamos que cultivar uma relação harmônica e afetiva instiga os estudantes a motivarem-se nos estudos, proporcionando um melhor ambiente para a construção própria de conhecimentos.

Também ressaltamos que a afetividade nada tem haver com falta seriedade e do uso da autoridade do professor como mediador, como afirma Freire (2015, p. 138), “[...] na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.” É possível que o

professor exerça o papel de articulador com afeto, a fim de beneficiar o caminho pedagógico.

O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem

Trabalhar no ambiente educacional significa lidar diretamente com pessoas, em vasta pluralidade, são crianças, jovens e adultos diferentes, assim como, colegas e familiares dos educandos. Nossa profissão é inteiramente humanizada e exige-nos refletir nossa forma de pensar e agir, sobretudo, por estarmos contribuindo para a formação dos estudantes. Pois, como cita Crestani (2015, p. 95) “[...] pais e educadores são os que mais tendem a marcar as crianças e jovens em seu processo de crescimento e formação.”

Em consideração a esse fato, acreditamos que é necessário que o professor tenha mais do que uma boa bagagem teórica, precisa conhecer seus estudantes, a realidade que se encontra a escola, ser coerente, motivador, empático e estar seguro com seu trabalho, pois todos esses fatores acarretam significativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, primeiramente o professor deve motivar-se por sua escolha para que seja visível aos estudantes, o famoso “brilho no olho” que se apresenta ao lecionar, de forma não programada. Também deve revisitar-se e refletir cada vez mais acerca de suas decisões e atitudes, até mesmo fora da sala de aula, para contribuir com a veracidade do seu trabalho docente. Crestani (2017, p. 39) descreve sobre a postura do professor, complementando esse pensamento:

[...] no amadurecimento de sua escolha, o educador é a pessoa que aprendeu a se conhecer, a pensar sobre si mesmo, em suas potencialidades e pendores, sobre os outros, a vida e o mundo circundante. Por aquilo que é, que faz, fala e apresenta, tenta motivar para que cada um descubra seu caminho, faça sua história com liberdade e realize a seu modo o bem em seu entorno.

O educador deve explorar sua sensibilidade em sala de aula, utilizar o que Freire (2015) denomina de bom senso, para entender se algum estudante passa por problemas. Essa sensibilidade é essencial para o processo de

ensino-aprendizagem, visto que, se somente quisermos passar os conteúdos programados, perderemos o foco que é o educando, sua construção de conhecimento, suas dificuldades, anseios, a sua formação. Como ressalta Cunha (2008, p. 63),

O modelo de educação que funciona é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

Sabemos que ser professor não é tarefa fácil, principalmente na atualidade com os avanços do mundo globalizado. A ação educativa é muito singular, o que pode funcionar para uma turma em uma escola, não funciona para outra, ainda que seja de realidade próxima, assim como acontece de um ano para outro. Porém, há um fator que impulsiona a busca por qualidade nessa ação, que é destacado por Crestani (2017, p. 94) “[...] formar para o mundo de hoje, sabendo readaptar e relativizar as estratégias e os esquemas antigos.” O professor deve ter esse olhar atento aos interesses dos estudantes, avaliando a si mesmo para ressignificar o trabalho pedagógico quando necessário.

Há tantos outros fatores sobre o exercício docente possíveis de serem discutidos em uma pesquisa, entretanto o que cabe nessa destacar, finalizando o tópico, é a consciência da nossa missão de educar, através do amor solidificado mediante relações afetivas e cuidadosas, pois como nos diz Crestani (2017, p. 155), “[...] o trabalho de cada educador tem um alcance que ultrapassa sua ação e sua longevidade; perdura e permanece depois de sua morte nos ensinamentos passados com afeto e ternura ao longo de sua caminhada [...]” Logo, necessitamos entender sobre importância da nossa profissão, de como exercê-la bem e que estaremos sempre atrelados à história de vida dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual a importância de contemplar a dimensão atitudinal no currículo? Como os professores contribuem para a construção de valores em sala de

aula? Essas foram algumas inquietações motivadoras para a pesquisa, provindas de uma percepção da prática em sala de aula e de comentários em aulas acadêmicas. Diante do exposto, compreendemos, primeiramente, que o currículo precisa englobar as dimensões, pois dará valorização a amplitude de conhecimentos escolares.

Apontamos para humanização do nosso trabalho docente, uma vez que, como enfatiza Vasconcellos (2011, p. 135) “[...] no trabalho com o currículo escolar pautado na atividade humana como princípio educativo, atentamos para todas as relações e mediações que as pessoas estabelecem, dado seu caráter potencialmente formativo.” Por isso, a importância das atitudes positivas, pois também fazem parte da formação e aprendizagem dos estudantes.

Sendo assim, a figura do professor é essencial na motivação para as aprendizagens e para desenvolvimento dos estudantes, pois como bem descreve Crestani (2017, p. 58) que o educador deve dar a devida atenção a todas as dimensões educativas, estando “[...] atento aos conteúdos racionais a serem ministrados, mas igualmente zeloso com conteúdos existenciais do afeto, das relações interpessoais, dos valores e do finalismo da vida, este educador marca positivamente cada educando.”

Consideramos a temática dessa pesquisa importante, pois a formação comportamental, atitudinal e de valores positivos dos estudantes, principalmente na atualidade, são essenciais para que se tornem pessoas que exerçam a cidadania, que convivam com a diversidade com respeito, não discriminando o diferente e que contribuam para vivência em sociedade.

O campo educacional é dinâmico, não estático, portanto discussões como essa não devem findar, pois estamos em constantes mudanças e a educação acompanha esse caminhar. Deste modo, torna-se necessário cada vez mais explorarmos todas as demandas do campo, para que contribuam na práxis de professores. Para tanto, esse estudo suscita mais pesquisas, seja por revisão bibliográfica ou empiricamente, pois a chegada pode ser um ponto de partida.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.113, p. 51-64, jul. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113>. Acesso em: 7 set. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 12, n. 58, p. 3-13, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/download/1885/1856>. Acesso em: 21 set. 2018.
- CRESTANI, Alfredo. (Ir.). **A missão de educar com qualidade: princípios, valores e atitudes na ação educativa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2017.
- CRESTANI, Alfredo. (Ir.). **Construir a vida com sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.
- CUNHA, Antonio Eugenio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na pratica pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- FINO, Carlos Nogueira. Currículo e inovação pedagógica: a mistura improvável. **Revista de Estudos Curriculares**, Braga, v. 2, n. 8, p. 3-13, 2017. Disponível em: <https://www.nonio.uminho.pt/rec/index.php/rec/article/viewFile/36/27>. Acesso em: 14 out. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- MELO, Raimunda Alves; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa; COSTA, Antônia Flávia Moraes da. O currículo das escolas do campo e a articulação dos saberes da cultura camponesa aos conhecimentos escolares. **Camine: Caminhos da Educação**, Franca, v. 6, n. 2, p. 167-184, 2014. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1214>. Acesso em: 6 dez. 2018.

NUNES, Diego Brandão. **A importância do sentido no aprender geografia:** possíveis caminhos para um reconhecimento entre a geografia, o sujeito e o mundo. 2018. 252 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181448>. Acesso em: 15. set. 2018.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **Escola e construção de valores:** Desafios à formação do aluno e do professor. São Paulo: Loyola, 2005. Disponível em: <https://goo.gl/UDZPiy>. Acesso em: 25 out. 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Currículo:** a atividade humana como princípio educativo. 3. ed. São Paulo: Libertad, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.